

Ontem como hoje na linha da frente

● Marcelino dos Santos fala de si



O membro do Bureau Político do Partido Frelimo, Major-General Marcelino dos Santos, concedeu recentemente uma entrevista à «Voz da Frelimo», durante a qual falou longamente de alguns dos mais marcantes passos da sua vida, desde a infância.

É o perfil de um combatente consequente, cuja vivência, por isso mesmo, se vem a confundir com as páginas da nossa história.

O que aqui trazemos são extractos dessa trajectória, contada na 1.ª pessoa.

Foi no Lumbo, mais exactamente no bairro da Machopita que eu ouvi os primeiros barulhos, os primeiros rumores, os primeiros sons do mundo. E em particular, foi sem dúvida o som mais profundo, sem dúvida foi o marulhar das águas do mar na praia e foi assim que eu nasci, no Lumbo, em 20 de Maio de 1929.

Lumbo na altura era um lugar importante porque era a terminal e ao mesmo tempo o início da linha férrea que ia para Nampula, e para além de Nampula Ribauè. Não posso dizer naquela altura até onde é que o comboio ia ao porto do Lumbo, (tinha lá aquela ponte que agora já está quase morta), os barcos vinham, descarregavam tanto para o Lumbo como para a Ilha de Moçambique — recordo-me quando era criança de ver passar alguns hidroaviões — mais tarde soube que esses aviões que passavam, vinham da Inglaterra, e iam para a África do Sul, mas pousavam ali no Lumbo.

Meu pai era torneiro-mecânico. Lumbo era uma vilazita, um lugar pequeno, e todos estávamos juntos, quer dizer havia ali os brancos, havia os mestiços, os indianos e os pretos assimi-

lados e, depois, em baixo de tudo, estavam os indígenas; e a vida social desenrolava-se a esse nível. Os brancos, os mulatos, os assimilados e os indianos, recordo-me que esse grupo todo ia quando passava lá o Tomás Vieira, (Tomás Vieira era o cinema itinerante) cada um levava a sua cadeira para ir lá ao Clube Ferroviário para assistir ao cinema; e era esse grupo também que ia para a escola, para a escola primária que nós tínhamos ali. Aliás ainda lá está, em que a 1.ª, 2.ª, 3.ª e 4.ª classes, eram dadas simultaneamente na mesma sala porque não havia muitos alunos, não quero dizer que não houvesse muitas crianças, quero dizer que não havia muitos alunos na escola, crianças haviam muitas mas as crianças dos indígenas não punham os pés na escola. Isso estou a dizer agora, naquela altura não me dava conta disso. Mas é um facto, é um facto.

Meu pai deve ter ido lá para o Lumbo por volta de 1922 transferido de Maputo, então Lourenço Marques, porque todos nós nascemos lá, seis filhos, todos nós nascemos lá. Daqueles que sobreviveram eu fui o quarto e em 1938 o meu

pai foi transferido para Lourenço Marques ficou talvez 16, 17 anos no Lumbo, talvez porque alguns dos meus irmãos estavam crescidos estavam a exigir escola mais alta que o Lumbo não tinha, aliás um dos meus irmãos já tinha partido há vários anos para Lourenço Marques, mas portanto este foi o primeiro momento de estada no Lumbo; com nove anos eu cheguei a Lourenço Marques. Fizemos a viagem de barco. Não sei se naquela altura já havia avião mas nós viajamos de barco. Não sei quanto tempo levamos talvez três dias ou três dias e meio; foi uma festa bonita, estava com os meus irmãos, ainda éramos miúdos. Foi uma festa bonita toda a viagem e naturalmente Lourenço Marques para nós tinha uma grande atracção que era do ponto de vista familiar.

Daquilo que a cidade pudesse ser naquela altura, como miúdos, penso que iam simplesmente para qualquer coisa diferente. Mas o que nos atraía a todos era o facto de ali irmos poder encontrar a nossa avó que nós não conhecíamos mas que sabíamos pelo irmão que já lá estava que junto da nossa avó as coisas eram geralmente boas e havia muitos proveitos simplesmente pelo facto de estar com a minha avó. Eu cheguei já um pouco crescido de modo que a minha avó não me «belecou», mas os outros que estiveram lá foram «belecados» pela minha avó e eram essas coisas que a gente trazia para ir ver a avó, porque é belo ter uma avó, penso que isso é igual para todos.

A PRIMÁRIA E AS AMIZADES

Eu fui para a Escola Paiva Manso para continuar a escola primária; parece que fui para lá com a 2.ª classe, estava no fim da 2.ª classe; foi lá onde encontrei o camarada Fernando Vaz e um outro companheiro daqueles que não me lembro. Brincávamos muito. O Fernando Vaz terminou a 4.ª classe, foi para o Liceu, eu não fui para o Liceu porque... por razões internas, por razões familiares. Vocês sabem: os nossos pais procuram sempre para nós aqueles lugares que eles pensam, que se pensa num determinado momento da vida, que é o bom lugar: ou bom lugar porque dá grande prestígio, ou bom lugar porque dá grandes meios materiais e a gente pode viver bem e no meu caso a preocupação, como havia aí a preocupação de muita gente, era que o filho fosse padre, médico e para mim então diziam que eu havia de dar um bom padre. E então era necessário ir para o Liceu porque naquela altura fazia lá o 3.º ano do liceu e depois ia-se para a Ilha da Madeira porque havia lá um seminário.

Bom, o facto é que esse programa por mim não foi aceite. Creio que deve ter havido um consenso mais ou menos violento em casa mas não foi aceite de modo que fiquei um ano sem estudar porque também não tinha idade para entrar na escola técnica — escola técnica é aqui

lo que era a Escola Industrial, a Escola Comercial, ali na 24 de Julho com a Lénine, onde hoje é a Escola 1.º de Maio — fiquei um ano sem estudar e fui trabalhar com 11 anos numa fábrica de borracha ali na Malhangalene, não sei se depois virou FACOBOL não sei em quê que ela se transformou; mas era uma fábrica que existia ali na Malhangalene. Fazia-se sapatilhas mas parece-me que é aquela que mudou para o outro lado e se chamou FACOBOL.

E fiquei portanto, todo esse tempo a trabalhar na fábrica durante um ano; no ano seguinte fiz o exame de admissão na Escola Industrial. Passei e depois continuei os meus estudos e durante todo esse tempo a nossa terra também ia crescendo, as coisas iam-se desenvolvendo. Não esqueçam que eram já os anos da guerra, também que a gente lia os jornais; nem toda a gente podia comprar o jornal, por exemplo o meu pai não comprava jornal e não comprava jornal por razões financeiras, tínhamos que ir ler aqui e ali.

Naquela altura havia uma maneira de os moçambicanos manifestarem a sua individualidade, manifestarem a sua própria personalidade, que era aquela maneira que se traduzia na formação do Centro Associativo dos Negros da Colónia de Moçambique e depois o Grémio Africano já tinha nascido e ficou a Associação Africana de Moçambique, e depois havia os Naturais da Colónia. Mais tarde houve o movimento para unir o Centro com a Associação e com a Associação dos Operários, Associação de Auxílio Mútuo dos Operários Indianos; houve esse movimento para se unirem esses quatro grupos com vista a criar uma força capaz de fechar todas as brechas, as provocações do fascismo e do colonialismo em Moçambique, mas isso já foi nos anos 48, 49, 50, e 51 e essa parte da nossa história penso que o Rangel, Craveirinha e outros, mesmo esta Noémia conhecem muito bem o que diz respeito à parte da Associação Africana. Mas portanto havia este movimento ao nível, havia estudantes da Escola Industrial e os estudantes no Liceu que eram



«Estas coisas do quotidiano foram nos construindo...»

realmente os núcleos dos estudantes mais importantes.

Os esforços grandes que iam tentar levar à união entre o Centro dos Negros, a Associação Africana, a Associação dos Indianos, o Centro dos Naturais da Colónia, bem foram feitos, estavam talvez a fecundar naquele momento, mas foram feitos, pelo menos no que me diz respeito, já depois da minha saída em 47 do país, por esses João Mendes, Craveirinha... pelo menos esses nomes foram nomes importantes nesse trabalho...

Mas era esta a realidade que eu vivi estouvos a contar portanto os aspectos mais directos, mas aqueles aspectos que ao mesmo tempo me foram dando o sentido da terra onde eu vivia, onde eu tinha nascido, onde eu vivia e ao mesmo tempo as raízes sobre as quais eu iria crescer.

E isso ligado com aquilo que era a realidade mais íntima, a realidade familiar. Falei já da minha avó e da importância que ela teve para todos nós como força e que nos ficou até hoje.

Aliás houve uma história muito interessante aqui: houve um oficial de Fazenda que fez concurso em Nampula, mas como tinha um nome muito pomposo — parece que era José Henriques da Cunha Mota do Amaral — o pai de José Rui que trabalha ali no Ministério dos Negócios Estrangeiros — ele estava em Nampula fez o concurso e tal... e ficou em 1.º lugar. Então só tinha lugar do quadro em Maputo, Maputo então Lourenço Marques, ele deveria ter feito os esquemas dele, não devia estar completo, quando chega a Lourenço Marques (porque ele era mulato mas era mesmo escuro já) quando ele chegou a Lourenço Marques então viram quem era disseram «não, não pode trabalhar aqui». Deram tudo para fazer e finalmente recambiaram-no para Cabo Verde. Não podia fazer aquele trabalho, preto não podia estar aqui no país. Essas coisas ficaram nas nossas cabeças, essas e muitas outras.

EM PORTUGAL E FRANÇA

De modo que quando saí daqui para ir a Portugal, na minha infância, na minha pequena juventude, era isto que eu levava provavelmente numa maneira desarrumada dentro de mim. Mas cheguei lá na Casa dos Estudantes do Império a situação já estava mais quente. As ideias já eram mais claras já havia o sentido de África, já havia o sentido de guerra, já havia o sentido de luta, já havia o sentido da Independência; e foi nesse mundo que eu entrei com aquilo que eu trazia, aquilo que era todo o jovem Marcelino. E depois fui-me ligando com diversos camaradas e rapidamente nós fomos organizando já com a compreensão de que éramos africanos e não éramos outras coisas.

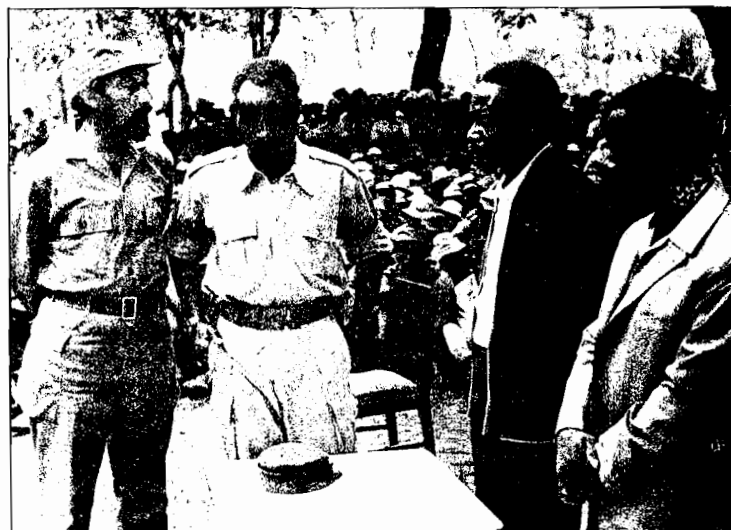
Eu recordo-me que houve um tempo que eu tinha umas ideias muito bonitas, era totalmente antiguerra, não queria guerra nenhuma. Também tive Ghandi como visão do herói ideal, como forma de combater contra a opressão co-

lonial. Mas com as discussões fortes que nós tivemos, em particular com o camarada Amílcar Cabral, sobre este caso concreto de idealismo, guerra e não guerra, fui-me modificando, fui crescendo.

E então em 51, naquela altura nós já tínhamos instruções entre nós ali em Lisboa, todo aquele que puder deve sair daqui de Portugal, isto aqui é fascismo.

Mas portanto, eu falei aos meus colegas, quer dizer tanto os camaradas da Guiné, Angola, então eu fui para a França foi lá em Grenoble... que me encontrei com o camarada Aquino de Bragança.

...Mas isto era um constante desenvolver da minha personalidade e ao mesmo tempo uma exigência de uma afirmação como moçambicano cada vez mais forte, mas na prática isso significa o seguinte: o conhecimento que eu tinha tido de Moçambique enquanto estive em Moçambique era quase zero. Foi aquilo que eu vivi, mas conhecer o que era Moçambique realmente político, co-



«Porque a FRELIMO se fez para trabalhar, para lutar, esses elementos foram pouco a pouco ficando para trás»: de entre estes, Simango e Guambe, na imagem, à direita

nhecer o que é Moçambique sócio-económico, conhecer as plantações, tudo isso não conhecia. Nessa altura, quando já estava em França, face à realidade em que eu estava envolvido foi aí que eu realmente comecei a estudar. Para conhecer Moçambique ia buscar livros através dos quais pudesse conhecer a minha Pátria. E para poder falar como falei, como escrevi, em vários lugares, em várias revistas sobre Moçambique, nós a partir de documentos íamos pouco a pouco organizando aquilo que chamámos mais tarde a denúncia do colonialismo português. Estudámos documentos. Havia documentos mesmo em França, em Londres também havia documentos sobre Moçambique havia outros documentos que os camaradas nos traziam de Portugal.

E foi esse trabalho que fomos fazendo e então aí, como disse, o Camarada Presidente Mon-



Marcelino dos Santos: «era óbvio para nós que a guerra seria o único caminho»

dlane, já tinha passado por Lisboa e já nos tínhamos encontrado — vinha dos EUA — Amílcar Cabral, Agostinho Neto, Mário de Andrade, Noémia de Sousa e outros. Depois já nos tínhamos ajeitado pelo mundo e em mil e novecentos... o trabalho que se fazia no mundo, de denúncia do colonialismo já era muito grande. Em 1959, a França decide que eu já não era necessário em França. Bom, eu também nunca tinha dito à França que eu era necessário, que a minha presença era por necessidade da França. Nunca tinha dito. Nem nunca direi porque não é verdade.

...E então fui para a Bélgica onde fiquei até Maio e foi lá onde conheci o camarada Tomás Kanzá do Congo, agora Zaire. Janeiro de 1960 foi o período da mesa-redonda onde estiveram Kamikatu, Kasavubu, Patrice Lumumba e todos aqueles grandes do Congo, tive ocasião de me encontrar com vários deles, em particular com o Presidente Patrice Lumumba. Fiquei lá até Maio. Em Maio recebi ordens dos companheiros para ir para Londres. De Londres recebi ordens para ir para Marrocos, já em Agosto, que era para ir preparar... já estávamos organizados já... a Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas.

NOVOS PASSOS

Mais tarde — se não me engano era em Janeiro de 1961 — em Abril realizámos em Casablanca a Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas e, sem dúvida alguma, este foi um grande momento, porque nessa altura já apareceu a UDENAMO. Portanto isso... Como os companheiros se recordam, havia

naquela altura a MANU e a UDENAMO, não foi possível, na altura, os dois movimentos unirem-se e só participou a UDENAMO. Mas, do ponto de vista de estruturação, eram organizações muito frágeis. Tanto a UDENAMO como a MANU. A MANU começou por ser Maconde African Union, depois Mozambique Maconde Union para depois ser finalmente Mozambique African National Union. Quer dizer, foi sob a influência de outros movimentos africanos que a MANU foi tentando ganhar uma cara que pudesse ajustar-se aos tempos que estávamos vivendo naquela altura. Porque é óbvio que já naquela altura — 60, 61, 62 — uma organização que se apresentasse em termos de tribo não era aceite. Agora, a UDENAMO não. A UDENAMO nasceu com característica nacional, embora a qualidade nacionalista dos dirigentes, em particular do Guambe, fosse muito frágil.

Naturalmente um novo passo estava dado no desenvolvimento da luta dos povos das colónias portuguesas. E em 1961, naturalmente, tinha começado a guerra em Angola, os nossos camaradas do PAIGC em Agosto iam começar também as primeiras acções, e em Moçambique, nós, na Tanzania, realizávamos, a formação da FRELIMO em 25 de Junho de 1962, e em Setembro o primeiro Congresso. Naturalmente que a grande chave foi Junho de 1962 porque foi um combate realizado entre as forças do interior e as forças no exterior. Mas, os elementos que tinham vindo do interior tinham uma clareza, tinham uma consciência, uma vivência da terra moçambicana que não tinham os responsáveis da UDENAMO, um Guambe, Malhaieie, um Jaime Sigáúque, Faniel Gidion Malhusa não tinham estofos, força, ao lado

de um Magaia, ao lado de um Simango e havia um de que não me recordo o nome que veio de cá. Quer dizer que houve realmente, para compreendermos profundamente o que é a FRELIMO, é preciso saber que é a união das forças nacionalistas existentes no interior e aquelas que estavam no exterior. As do interior tinham realmente consistência, tinham convicção, mas poderíamos talvez dizer o seguinte: não estavam ainda habituadas ao sol do mundo e ficavam um pouco atordoadas. Ao passo que aquelas que estavam cá fora, muitos deles eram vagabundos mas já estavam habituados ao sol do mundo, eram atrevidos, muito atrevidos esses Guambes. Por isso foi fácil ao Presidente Mondlane ver qual era o grupo que realmente podia contar para fazer o trabalho. Ele não teve nenhum problema em distinguir, entre aqueles elementos, quem era são, quem não era são.

Portanto, formada a FRELIMO, a vida de todos nós objectivamente mudou. Cada um de nós já



Trato simples, com calor

era representado no mundo por uma realidade que dizia Moçambique. Quer dizer, com a criação da FRELIMO, o Povo moçambicano apresentou-se ao mundo. Moçambicanos havia, houve, mas quem é que ligava connosco? Foi preciso vir a FRELIMO para então as pessoas virem assim dizer que agora sabemos quem representa o Povo moçambicano, está aqui.

Quando a FRELIMO foi criada a nossa preocupação foi de lançarmos para toda a parte do país com força para criar raízes, mais e mais e mais raízes. Muito bem, mas para isso tínhamos que aceitar suportar as sacudidelas que ainda vinham cá de fora. Em muitos lugares se abriram aquilo que chamamos «branches», isto é, secções em diferentes lugares da Tanzania. Cada secção queria borracha, papel, lápis e dinheiro para electricidade, queria casa, queriam má-

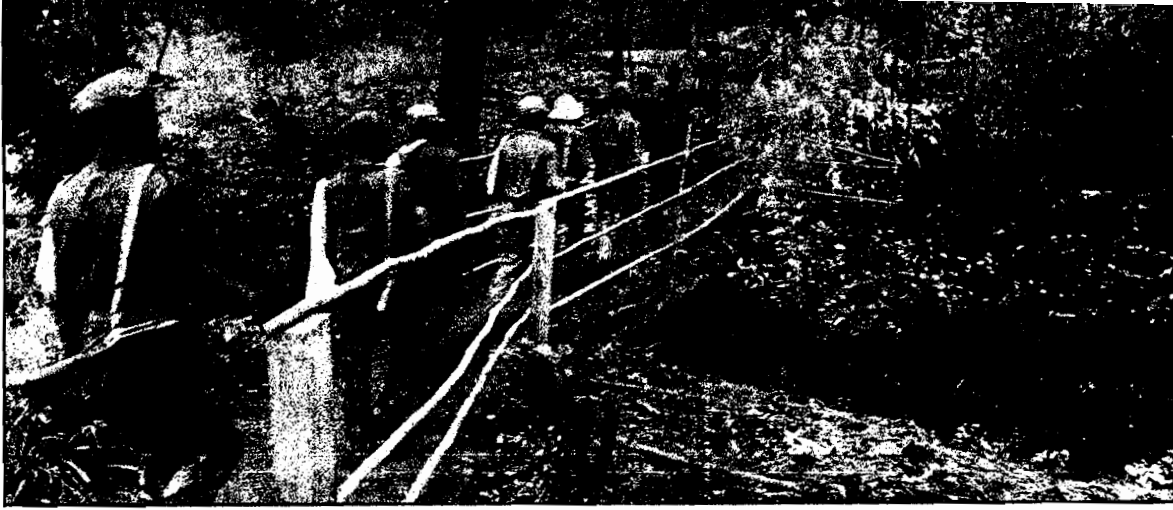
quinas de escrever, até queriam carros, até queriam motas, até queriam bicicletas.

E nós tínhamos que andar de lado em lado, de lugar em lugar, da Tanzania e em condições que era preciso levar chaleira para fazer chá, esteira para dormir, dormia onde dormia se encontrávamos um chão de cimento, senão dormia onde dormia.

Primeiro, já estava claro para nós que íamos desencadear a luta armada e que era preciso por tanto organizarmo-nos. Segundo, que isto significava formar gente no exterior. Terceiro, significava fazer o trabalho dentro de Moçambique, sempre, sempre, sempre, para vir lançar, trazer as informações, e ao mesmo tempo para trazer companheiros para a Tanzania. Isso nós fazíamos através dos companheiros precisamente que tinham vindo de Moçambique que tinham deixado lá os seus amigos. Todos esses companheiros, mesmo, como o camarada Filipe Samuel Magaia, como o camarada João Munguambe, mesmo como o Mungo, Simango, todos tinham amigos com quem trabalharam dentro de Moçambique e outros mais. Então era mais fácil para chegar junto dos camaradas e dizer que estamos a fazer assim, estamos a organizar isto, para além dos panfletos enviados. Mas, paralelamente, aquela gente indigente como eu disse, que pensava na FRELIMO entanto que uma organização de entreaajuda, como havia muitas no país e como é uma realidade de muitos países africanos, os exilados nesses países formavam organizações de entreaajuda, como aliás nós temos aqui no nosso país gente que vinda de uma província para a outra chegava e formava um grupo de entreaajuda... Era assim que muitos desses companheiros que estavam na Tanzania pensavam sobre a FRELIMO: organização de entreaajuda. E então pediam dinheiro para pagar renda de casa, para comprar comida, quando a FRELIMO não tinha dinheiro nem recebia dinheiro de Moçambique, mesmo dos camaradas que apesar de estarem na clandestinidade, que apesar de estarem oprimidos pelo colonialismo,



Na génese da FRELIMO, «a qualidade superior vinha dos elementos do interior (...) alguns tinham feito trabalho mesmo no sul do país»



Hoje, como ontem,
«é preciso estar
na linha
da frente»

se reuniam e faziam a distribuição de cartões de membro e havia a colecta de fundos para a FRELIMO. Isso não era portanto senão a expressão de um nível de consciência alto e muito mais alto do que aquele que era revelado por muitos dos nossos companheiros que estavam na Tanzânia, mas que eles tinham tido a sua história, não tinham tido aquela história de luta contra o colonialismo vivida por aqueles que estavam no interior do país. Daí a grande diferença e nós, da direcção da FRELIMO, estávamos claros que era preciso sofrer esse embate e aguentar enquanto se estavam a preparar as condições para realmente nos impormos com toda a nossa força naquilo que era o programa da FRELIMO. Esse dia chega naturalmente com o 25 de Setembro.

Portanto, com o desencadeamento da luta armada uma nova situação surge. Primeiro o colonialismo português no nosso país é sacudido, é abalado. Em poucos meses houve milhares de moçambicanos que se refugiaram na Tanzânia e isso causou logo um grande impacto no plano internacional. Não era possível mais esconder que a guerra de libertação tinha começado.

NÃO PARAR

Eu tentei falar de alguns pontos porque foi o objectivo do nosso encontro. Mas, eu tentei dar aqueles aspectos que num momento, e depois noutro, e depois noutro, todos eles aparecem ligados e que são aspectos determinantes da vida. Mas há muitos outros na nossa própria história que talvez tenham menos significado, mesmo para a História ela própria. Acho que é importante, para todos nós, recordarmos, sobretudo no nosso país onde o subdesenvolvimento é muito grande, que a beleza da nossa Independência pode ter na face de alguns, sobretudo nos jovens, o sentido de que o paraíso já tinha chegado somente por causa da beleza da nossa Independência. É preciso explicar muitos outros aspectos para termos a consciência de que a marcha ainda é longa, que não podemos esperar, que tudo seja belo para todos, por exemplo que hajam machimbombos para todos. É preciso falar ainda muito. Não há dúvida nenhuma que a nossa Independência foi bela e que a nossa luta foi muito bela.

É possível que muitos jovens fiquem encadeados e pensar que a beleza da nossa Independência fosse uma coisa para se prolongar. Foi um golpe bastante duro para o imperialismo, que levou o imperialismo a dizer que não quero mais histórias de exemplos de Moçambique nem Angola na África Austral. É preciso que a nossa juventude saiba que isso é o resultado deste amor profundo pelo Povo e que, portanto, vale a pena continuar esta História, esta marcha.

Está bem, pois dizemos: «Ah! O meu papá lutou pela Independência... e agora?» Agora o quê? Agora luta para construir o socialismo! É preciso. Não se pode parar.

Quando estamos já às portas, ou no limiar do 20.º aniversário do desencadeamento da Luta Armada, aquilo que eu sinto dever dizer é que houve alguns que nasceram há tempos, e porque nasceram naqueles tempos serviram o caminho da Pátria, desencadearam a Luta Armada, viveram a Luta Armada, construíram a Independência e continuam mais. Mas, isso fomos nós que nascemos naquela altura. Outros mais jovens nasceram muito depois, como muitos outros nasceram muito antes. O que importa a cada um de nós é em cada momento da nossa História saber assumir o essencial. Saber situar-se na linha da frente com a cabeça, com o coração, com as mãos, com o corpo inteiro, seja qual for o preço.

Hoje nós temos que estar na linha da frente, e a linha da frente, 20 anos depois do 25 de Setembro de 1964, permanece a Luta Armada contra os bandidos armados. Para aqueles que fizeram o 25 de Setembro, para aqueles que vieram depois, a linha da frente é a mesma. Para mim ou para vocês jovens aqui é isto: luta contra os bandidos armados. Não há outra linha da frente. Para nos encontrarmos ou reencontrarmos, para nos inventarmos ou reinventarmos, é aqui. Para assegurarmos esta perenidade desta República é na luta contra os bandidos armados; para assegurarmos que viveremos amanhã, e depois e sempre, é aqui contra os bandidos armados. Hoje, o orgulho profundo de um moçambicano é de poder dizer que estou a fazer agora, e tudo farei para assegurar para sempre a celebração do 25 de Setembro de 1964. □